

HUB terá pacientes do SUS

Acordo possibilitará transplantes e quimioterapia no hospital da UnB

PAULA OLIVEIRA

Pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) terão acesso facilitado a especialidades como medicina nuclear, neurocirurgia, cirurgia bariátrica (redução de estômago), tomografia computadorizada, transplante de córnea, hemoterapia e quimioterapia. A novidade é resultado do convênio firmado entre o Hospital Universitário de Brasília (HUB) e a Secretaria de Saúde do DF para promover uma interação entre as duas entidades.

O convênio foi assinado ontem, no HUB, pelo governador Joaquim Roriz, pelo secretário da Saúde, José Geraldo Maciel e pelo reitor da Universidade de Brasília (UnB), Timothy Martin Mulholland. "Esse é um marco para a saúde pública por complementar



Para o governador, o acordo firmado ontem é um marco para a saúde pública do DF

os serviços da rede", disse o governador. O diretor do HUB, Cláudio Bernardo Pedrosa de Freitas, disse que a parceria demorou bastante para acon-

tecer e que a área que mais precisa de atenção é a saúde. "Uma pessoa pode esperar para estudar, mas não pode esperar para ser atendido em

um hospital porque isso pode ser fatal", afirmou.

Com o documento assinado, o HUB receberá cerca de R\$ 2 milhões por mês para rea-

lizar os atendimentos encaminhados pela rede pública de saúde. De imediato, está prevista a realização de 600 exames de ressonância magnética. "Temos capacidade para realizar até cerca de 1.100 exames de ressonância", afirmou Cláudio Bernardo. Segundo o diretor do HUB, o orçamento do hospital aumentou em 30%. "O mais importante é ter um documento que garante o repasse das verbas. Antes o atendimento era feito sem a certeza do valor do recurso, agora teremos estabilidade", comenta.

Durante a cerimônia, o governador criticou o sistema de repasse de verbas para o SUS. "O SUS repassa a verba de acordo com o número de habitantes. Se nós temos dois milhões de habitantes eles repassam o valor de dois milhões de consultas. Porém, nós atendemos mais de seis milhões de pessoas. Há uma distorção muito grande, o sistema deveria ser com base no número de consultas realizadas e não sobre a população", afirmou Roriz.